Acervo ISA

Documentação
OESP
7/7/96 A-28
300

DISPUTA

Clima de violência toma conta de Serra Pelada

Transformada numa grande favela com o fim da corrida de ouro, a vila hoje é controlada pelos próprios garimpeiros; clima de tensão inibe a ação da polícia e culmina na morte de líder sindical

PABLO PEREIRA
Enviado especial

SERRA PELADA — Os garimpeiros que restaram na vila que 15 anos atrás oferecia o sonho da riqueza fácil vivem hoje à beira do desespero. A violência está em toda parte. Nos últimos quatro meses, duração do movimento que culminou há 65 dias com a decisão de paralisar as sondas da Companhia Vale do Rio Doce, a tensão no garimpo é crescente e pelo menos uma pessoa morreu baleada nesse período. Mauro Martins, um dos coordenadores do Movimento de Libertação de Serra Pelada (MLSP) e secretário da Associação de Defesa dos Garimpeiros (Adegasp) foi perseguido e morto a tiros na noite de 24 de março na rua principal de Serra Pelada. Ninguém viu nada. Se viu, não conta.

A polícia não descobriu o assassino. Martins deixou três filhos, o mais velho com 4 anos. A mulher dele, Esperança, uma piauiense de 26 anos, mudou-se para a casa da irmã, Maria das Graças. "Ela tem medo de ficar só com as crianças naquela casa", conta a irmã. Esperança quer ir embora do garimpo, mas foi aconselhada pela família a ficar. Ela aguarda o desfecho do litígio entre a Vale e os garimpeiros para tentar recuperar parte do dinheiro que o marido gastou no garimpo.

Procurando evitar o assunto, outros líderes do MLSP preferem acreditar que o crime foi encomendado por alguém de fora do garimpo.

Ameaça — A disputa pela posse da área, deflagrada pelo Projeto Serra Leste, que a Vale criou para explorar uma jazida a 400 metros de profundidade, reacendeu a febre do ouro nos garimpeiros. Para manter a esperança de encontrar uma pepita de peso, eles não medem palavras nem ocasião.

Na sexta-feira, durante uma assembléia com cerca de 200 pessoas, convocada para decidir sobre a devolução aos donos de uma máquina de terraplenagem, um caminhão e duas picapes apreendidas pelos garimpeiros, um homem franzino, irritado, deu o tom. Depois de ouvir uma proposta de votação de um dirigente da cooperativa, da qual discordava, gritou, brandindo os punhos: "Eu te mato."

A resposta foi rápida. "Tem gente que quer tumultuar aí no meio de vocês", respondeu o líder ao microfone. "Não adianta ameaçar que eu não tenho medo, ando por onde for sozinho e sem capangas", retrucou. "Pode o cabra estar com a navalha no meu pescoço que eu digo que ele é safado." O garimpeiro exaltado continuou esbravejando entre os companheiros.

O medo e a tensão muitas vezes sufocam até a gritaria alegre dos carregadores de sacos de rejeitos nas trilhas do garimpinho. As brincadeiras, as empulhações e as gargalhadas que ajudam a espantar o cansaço do trabalho árduo da caça ao ouro hoje dão lugar a críticas e reclamações contra instituições. Os vilões dessa história, segundo os garimpeiros, são o governo, a Justiça e a Vale, que reivindica o direito de propriedade da área.

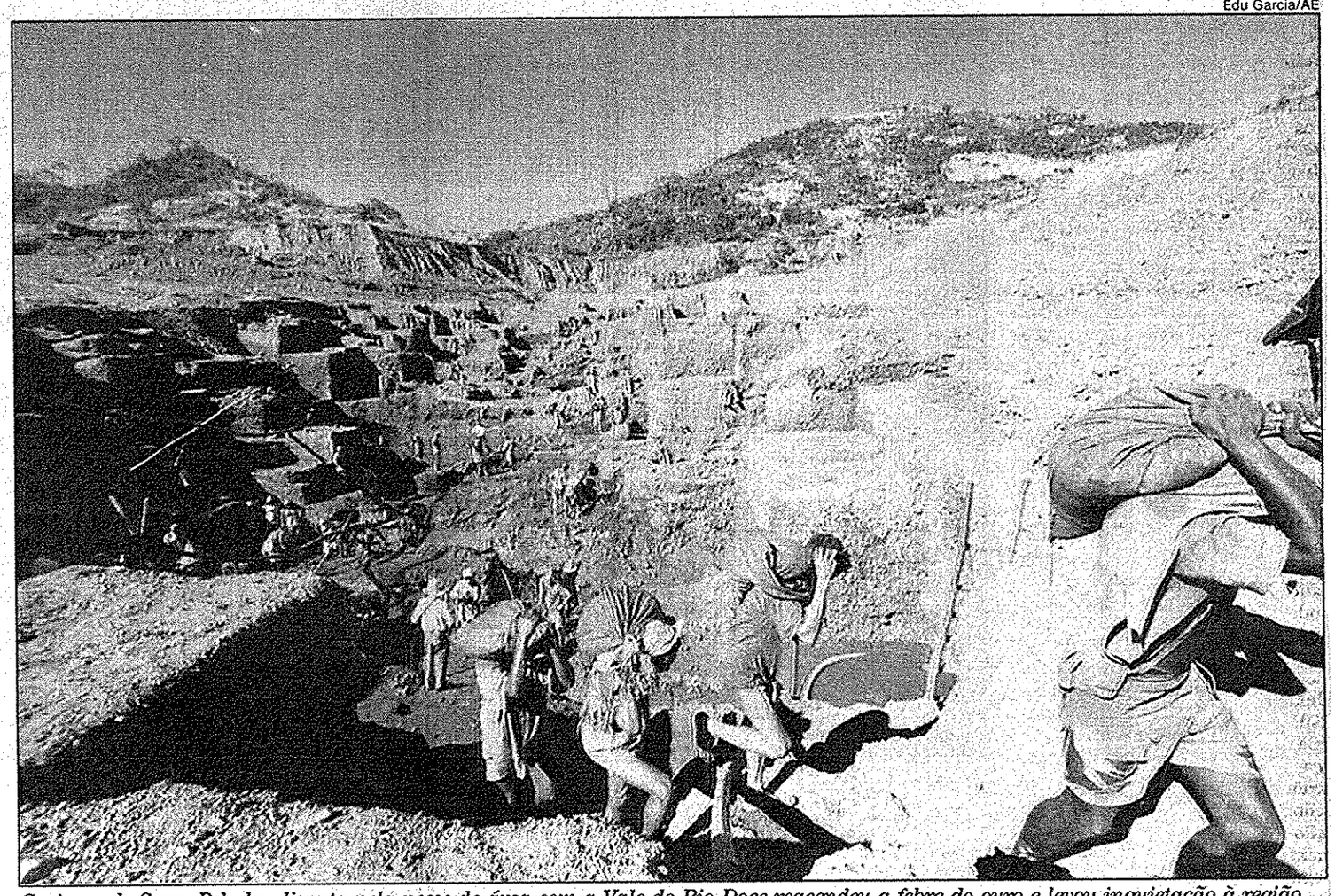
Guaritas — Dentro do garimpo há um posto da Polícia Federal. Os cinco agentes que se revezam na velha casa de tábuas não se envolvem com os garimpeiros. Quando a situação ainda não havia atingido o grau de impasse de hoje, o trabalho deles se resumia a acompanhar funcionários do governo federal que estivessem no garimpo, como engenheiros do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM).

> LÍDER DE MOVIMENTO FOI MORTO A TIROS E NINGUÉM VIU NADA

Com o acesso à vila controlado o tempo todo de uma guarita por um segurança encarregado de identificar quem chega, qualquer visitante estranho ao garimpo é barrado. A corrente que interrompe a estrada só é arriada com a autorização dos coordenadores, que ficam do outro lado da rua.

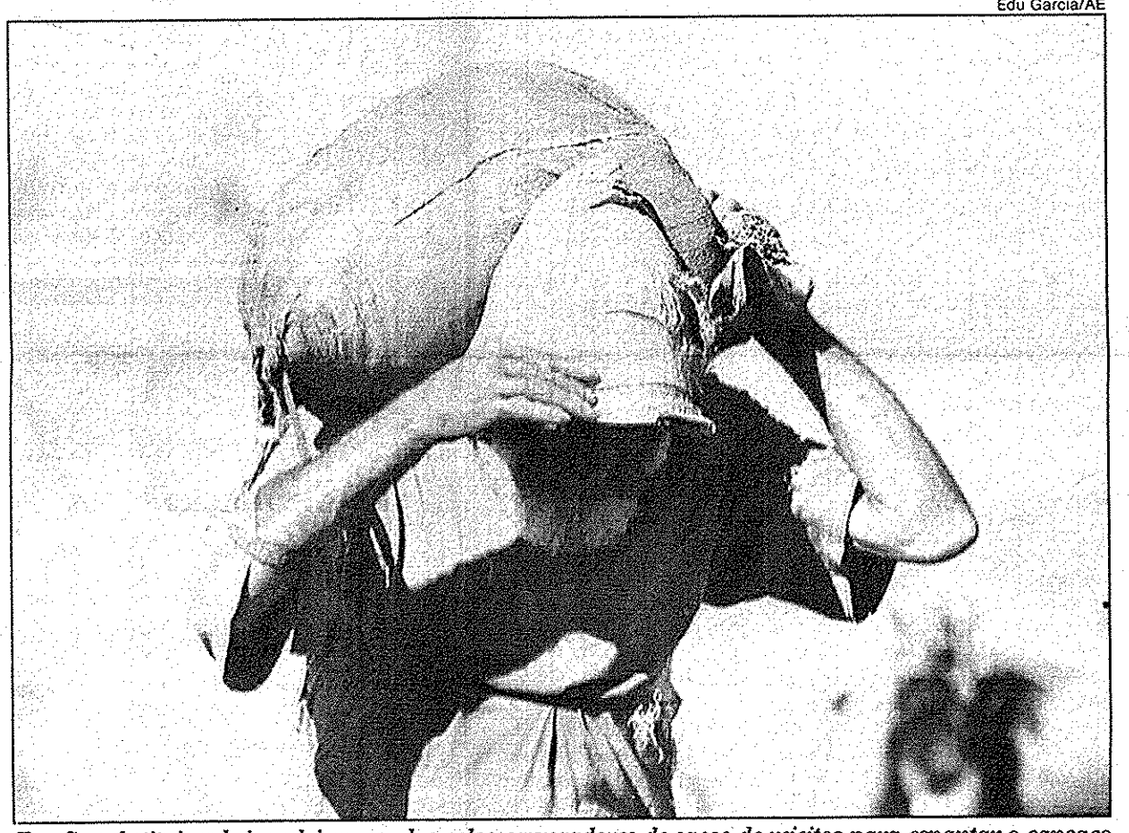
Nesta semana, a vila vai voltar a ficar agitada com a chegada de cerca de 5 mil garimpeiros convocados pelo MLSP. Eles devem subir a serra a partir de terça-feira. Amanhã, o juiz de Curionópolis, Laércio Larêdo, deve retornar de Belém e decidir sobre a ação de desocupação impetrada pela Vale. A decisão de enviar a Polícia Militar ou o Exército para garantir o trabalho da sondas pode ser tomada antes da visita da comissão especial do Congresso, que chega ao garimpo dia 12.

Edu Garcia/AE



Garimpo de Serra Pelada: disputa pela posse de área com a Vale do Rio Doce reacendeu a febre do ouro e levou inquietação à região

Edu Garcia/AE



Tensão substitui as brincadeiras usadas pelos carregadores de sacos de rejeitos para espantar o cansaço

Garimpeiros fazem protesto e ameaça

SERRA PELADA — *Em cada esquina, em cada grupo de desocupados reunidos à sombra ou até na fila de carregadores de sacos de rejeito do garimpinho, ao lado da antiga cava, há um garimpeiro protestando, ameaçando ou comentando boatos. As reações, que podem não passar de bravatas, vão de críticas às instituições às ameaças de ocupação do fórum em Curionópolis ou manifestações em Brasília.*

As ameaças feitas de boca, em conversas em geral em voz alta, demonstram o receio de que Serra Pelada troque de mãos e os moradores e garimpeiros nada recebam depois de quase duas décadas na terra do ouro. Algumas parecem exageradas, embora alguns líderes reconheçam não ter controle sobre os mais exaltados. Há quem fale de protesto na linha de trens da Vale, que liga Carajás a Marabá. Outros dizem que querem atear fogo ao equipamento da Vale.